

Práticas de controle e resistência no cotidiano de professores da educação superior

Power and resistance practices in the everyday day of higher education teachers

José Ricardo Costa de Mendonça¹ 

¹Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de Ciências Administrativas, Programa de Pós-Graduação em Administração (PROPAD), Recife, Pernambuco, Brasil.



Gestão.Org – Revista Eletrônica de Gestão Organizacional, Recife, 24(1), e265085. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 1679-1827.

<https://doi.org/10.51359/1679-1827.2026.265085>

Resumo

Objetivo: O objetivo deste artigo foi analisar as práticas de poder e de resistência no cotidiano de professores da educação superior do campo de Estudos Organizacionais. Foucault defende que o poder está presente em todos os âmbitos da vida social, manifestando-se nas redes de relações que moldam as estruturas sociais. Para Certeau (1994), o cotidiano é entendido como aquilo que é entregue diariamente. O cotidiano é uma forma de opressão presente no momento vivido, ao mesmo tempo em que é uma história em formação, que se aproxima de maneira sutil, por vezes encoberta ou parcialmente revelada.

Método/abordagem: O estudo adotou uma abordagem qualitativa e os sujeitos de pesquisa foram professores do campo de Estudos Organizacionais

Contribuições teóricas/práticas/sociais: Os resultados da pesquisa contribuem com a área, pois ajudam a compreender as relações de poder e de controle, as quais, no contexto da educação superior, auxiliam para o entendimento das práticas de resistência no cotidiano da educação superior ao focar nas formas como os indivíduos resistem às estruturas de poder e a subvertem por meio de suas práticas cotidianas.

Originalidade/relevância: As práticas de controle e vigilância identificadas neste estudo foram compiladas em quatro categorias: 1) Práticas Legais-Normativas; 2) Práticas Objetivas; 3) Práticas Subjetivas; e 4) Práticas Político-Ideológicas.

Palavras-chave: práticas de poder; práticas de resistência; educação superior; professor; estudos organizacionais.

Abstract

Purpose: The aim of this article was to analyze the practices of power and resistance in the daily lives of higher education professors in the field of Organizational Studies. Foucault argues that power is present in all spheres of social life, manifesting itself in the networks of relationships that shape social structures. For Certeau (1994), the everyday is understood as that which is delivered daily. The everyday is a form of oppression present in the lived moment while also being a story in formation, subtly approaching, sometimes concealed or partially revealed.

Methodology/approach: The study adopted a qualitative approach, with the research subjects being professors in the field of Organizational Studies.

Research, Practical & Social implications: The research findings contribute to the field by helping to understand power and control relations, which, in the context of higher education, shed light on practices of resistance in the daily lives of higher education professionals. The study focuses on how individuals resist and subvert power structures through their everyday practices.

Originality/value: The practices of control and surveillance identified in this study were categorized into four groups: 1) Legal-Normative Practices; 2) Objective Practices; 3) Subjective Practices; and 4) Political-Ideological Practices.

Keywords: power practices; resistance practices; higher education; teacher; organizational studies.

Introdução

Observa-se que, na sociedade contemporânea, as demandas de ordem social, tecnológica, científica, entre outras, para com os professores da educação superior têm se ampliado e se diversificado. Além disso, as formas de gestão e de organização escolar vêm adquirindo, progressivamente, características semelhantes às identificadas nas chamadas organizações produtivas, próprias de mercado. Práticas pautadas no desempenho dos professores e, implicitamente, na vigilância e no controle cotidianos podem ser observadas com maior intensidade (Neto, Antunes & Vieira, 2015, p. 666).

Tratar do cotidiano é considerar as relações que são construídas nos arranjos do dia a dia, os quais se materializam como relações de poder e como instrumentos de identidade de um determinado grupo social. O cotidiano é estudado por diversos autores, entre eles, destacam-se Agnes Heller, Erving Goffman, Henri Lefebvre e Michel de Certeau (Stecanela, 2009; Gouvêa & Ichikawa, 2014; Gouvêa & Ichikawa, 2015). Neste texto, aborda-se o cotidiano à luz de Michel de Certeau. É importante mencionar que Rodrigues e Ichikawa (2015) destacam que nos estudos sobre o cotidiano, em especial no campo dos Estudos Organizacionais (EO) brasileiros, umas das principais referências nas pesquisas é Michel de Certeau. Nesse contexto, entende-se que o cotidiano “[...] é aquilo que nos é dado a cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente [...] é uma história a caminho de nós mesmos, quase retirada, às vezes velada” (Certeau, 1994, p. 31).

Giard (1998, p. 17) alega que Certeau, em seu livro “A Invenção do Cotidiano: 1 – artes de fazer”, buscou “[...] esboçar uma teoria das práticas cotidianas para extrair do seu ruído as ‘maneiras de fazer’ que, majoritárias na vida social, não aparecem muitas vezes senão a título de ‘resistências’ ou de inércias em relação ao desenvolvimento da produção ‘sociocultural’”. Nascimento, Marra e Honorato (2015) salientam que os indivíduos inventam os seus cotidianos com o propósito de escapar silenciosamente das estratégias de manipulação e de controle presentes no seu dia a dia. Desse modo, ressalta-se que Certeau distingue o cotidiano como o espaço propício para a inventividade e a resistência, espaço no qual os indivíduos constroem a sua própria história (Gouvêa & Ichikawa, 2014, p. 2).

O estudo do cotidiano possibilita entender as situações recorrentes do dia a dia e de como os indivíduos lidam com os acontecimentos rotineiros, além de propiciar a compreensão do real sentido das práticas e dos comportamentos que se manifestam

diariamente (Nascimento, Marra & Honorato, 2015), inclusive as relações de poder e de resistência.

Para abordar o tema das práticas de controle e de resistência no cotidiano dos professores da educação superior, busca-se integrar as ideias de Certeau e de Foucault, pois ambos oferecem perspectivas complementares sobre o poder e a resistência, as quais podem ser aplicadas à análise das dinâmicas cotidianas no contexto acadêmico.

Em sua obra, Foucault põe em xeque a ideia predominante de que o poder se concentra em instituições específicas, como o Estado ou a Igreja, ou em indivíduos e grupos. Ele argumenta que o poder permeia todos os aspectos da vida social e está presente nas redes de relações. No que se refere ao estudo sobre o poder, a obra Foucault tem servido de base para reflexões e problematizações no Direito, na História, na Educação e nos Estudos Organizacionais, entre outras áreas (Alcadipani, 2005, p. 12). As ideias de Foucault têm se destacado como significativas para o desenvolvimento de estudos e de problematizações em diversas áreas e várias temáticas (Aquino, 2019). Nesse sentido, destaca-se especialmente os estudos sobre poder.

Com base no exposto, o objetivo deste artigo é analisar as práticas de controle e de resistência no cotidiano de professores da educação superior do campo de Estudos Organizacionais (EO).

A revisão narrativa da literatura realizada para esta pesquisa não identificou estudos sobre as práticas de controle e de resistência de professoras do ensino superior. Apesar dessas temáticas serem estudadas há alguns anos nas áreas de Antropologia e Sociologia, percebe-se que ainda são escassos no Brasil os estudos sobre o tema na área de Administração. Os estudos são ainda mais escassos quando se trata de poder e de resistência no cotidiano dos professores de Instituições de Ensino Superior (IES) e da área de Estudos Organizacionais. Este estudo busca diminuir a lacuna na literatura, apresentada acima e fornecer subsídios para uma maior compreensão do cotidiano do professor da educação superior em Administração, em especial na área de EO. Acredita-se que o estudo sobre práticas de controle e resistência no cotidiano de professores da educação superior, à luz de Foucault e Certeau, oferece contribuições valiosas para a compreensão das dinâmicas de poder, controle e resistência nas instituições educacionais.

A seguir é apresentado o arcabouço conceitual do estudo.

Cotidiano, Poder e Resistência em Certeau

Nas palavras de Cabana e Ichikawa (2017 p. 289), “[...] falar de cotidiano é falar de Michel de Certeau”. A fundamentação teórica sobre o cotidiano neste texto tem como principal base a obra de Michel de Certeau, especificamente os livros “A Invenção do Cotidiano: 1 – artes de fazer” e “A Invenção do Cotidiano: 2 – morar,

cozinhar” (Certeau, Giard & Mayol, 1996; Certeau, 1994). Percebe-se na literatura especializada que essas duas obras de Certeau são as mais referenciadas quando o tema é o cotidiano. Cabana e Ichikawa (2017), com base em Certeau, apregoam que as relações de poder se articulam no cotidiano. Sob a ótica certeautiana, o cotidiano é permeado por relações desiguais de poder, nas quais o lado “forte” dessa relação estabelece a direção que o lado “fraco” deve seguir (Nascimento, Marra & Honorato, 2015).

Entretanto, para Certeau, os indivíduos são vistos como seres criativos que inventam a sua própria história por meio das ações desenvolvidas em seu cotidiano e em suas práticas. Os indivíduos não são apenas replicadores passivos de ordens preestabelecidas pela sociedade, pelas instituições e pelos grupos sociais (Gouvêa & Ichikawa, 2015). Na obra de Certeau, observa-se uma ênfase no conceito de práticas. Mayol (2003, p. 39) conceitua prática da seguinte forma:

A combinação mais ou menos coerente, mais ou menos fluida, de elementos cotidianos concretos ou ideológicos, ao mesmo tempo passados por uma tradição e realizados dia a dia através dos comportamentos que traduzem em uma visibilidade social fragmentos desse dispositivo cultural, da mesma maneira que a enunciação traduz na palavra fragmentos do discurso. Prático vem a ser aquilo que é decisivo para a identidade de um usuário ou de um grupo, na medida em que essa identidade lhe permite assumir o seu lugar na rede de relações sociais inscritas no ambiente.

As ações humanas são organizadas por meio de práticas (ou maneiras de fazer) e referem-se a um contexto determinado, por exemplo, os locais de trabalho (Schatzki, 2005). Sob a ótica de Certeau, o cotidiano está dado pelas práticas que o indivíduo comum realiza para se libertar da ordem estabelecida, de acordo com a sua conveniência e as suas possibilidades (Cabana & Ichikawa, 2017). As práticas são apresentadas por Certeau em dois arranjos: as estratégias e as táticas (Oliveira & Cavedon, 2013). Para Certeau, a estratégia é um movimento calculado, manipulado e predeterminado (Cabana & Ichikawa, 2017). Nas palavras de Certeau (1990, p. XLVI):

Eu chamo de estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de poder que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de vontade e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) é isolável. Ela postula um lugar passível de ser circunscrito como um próprio e ser a base a partir da qual se gerencie as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou os competidores, os inimigos, o campo ao redor da cidade, os objetivos e objetos de pesquisa etc.).

Sob a perspectiva de Certeau, as estratégias são responsáveis por organizar e manter a estabilidade e a ordem em um lugar, visando à estabilidade do ambiente social. Estratégias são postuladas por um ou mais indivíduos que utilizam de poder para manipular e condicionar os comportamentos de outros indivíduos, bem como para definir as formas de agir (Nascimento, Marra & Honorato, 2015), o que Foucault chama de normalização e controle de condutas.

Por outro lado, para Certeau, os indivíduos inventam táticas (ou microrresistências), em resposta às estratégias, com o objetivo de criar um espaço para se desvincularem das táticas de controle e de dominação presentes em um lugar determinado (Nascimento, Marra & Honorato, 2015). Destaca-se que a uniformização do cotidiano pode ser quebrada a partir das micropráticas individuais, ou microrresistências. Elas são possibilitadas para que os indivíduos desenvolvam possibilidades de se libertarem do poder exercido sobre eles (Gouvêa & Ichikawa, 2014) pela sociedade e também pelas organizações. Nas palavras de Certeau (1994, p. 46):

Eu chamo [...] “tática” um cálculo que não pode contar com um próprio e nem, portanto, com uma fronteira que distingue o outro como uma totalidade visível. A tática só tem por lugar o lugar que é do outro. Ela se insinua ali, fragmentariamente, sem segurá-lo por inteiro, sem ser capaz de mantê-lo à distância. Ela não dispõe de base para capitalizar suas vantagens, preparar suas expansões e garantir independência das circunstâncias.

Certeau não destaca a produtividade das estratégias do poder, mas das microrresistências mobilizadas a partir das táticas cotidianas (Vasconcelos & Souto, 2014). As táticas subvertem a ordem que domina o ambiente social e são as formas criadas pelo indivíduo para se desviar dos padrões que determinam sua conduta. Táticas, como microrresistências, permitem mobilidade e improvisação por parte dos sujeitos nos contextos sociais. Entre esses contextos, salienta-se, neste texto, o da educação superior. É importante entender que os movimentos táticos só surgem e se constroem a partir de um lugar organizado por estratégias, as quais têm o intuito de controlar e de manipular, buscando condicionar os comportamentos dos indivíduos (Nascimento, Marra & Honorato, 2015). Rates et al. (2019, p. 357) argumentam que, no contexto laboral, o cotidiano pode ser visto como algo além de uma simples rotina de trabalho; é um espaço onde se produzem e reproduzem as práticas sociais. Nele, aqueles que são subordinados podem se apropriar dos símbolos impostos pelos grupos dominantes, transformando-os e adaptando-os às suas próprias necessidades e capacidades. O diferencial do indivíduo está em reinventar o cotidiano, dando novos significados ao que é considerado um fazer legítimo e validado pelas normas já estabelecidas.

Depois de discutidos o cotidiano, o poder e a resistência em Certeau, a seguir serão abordados o poder e a resistência sob a ótica de Foucault.

Poder e Resistência em Foucault

Observa-se que Foucault (1988), em sua obra, não é indiferente ao cotidiano, pois, para ele, o cotidiano aparece em vários momentos nos textos de Foucault, mas de forma subjacente, servindo como base para sustentar as discussões a respeito de outras categorias analíticas mais proeminentes (Mendonça, 2023), uma delas é a relação de poder.

O poder deve ser entendido, em primeiro lugar, como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao campo em que se manifestam e que são constitutivas de sua organização; como o jogo que, por meio de lutas e confrontos contínuos, as transforma, reforça ou inverte; como os apoios que essas correlações de força encontram entre si, formando cadeias ou sistemas, ou, ao contrário, as descontinuidades e contradições que as separam; e, por fim, como as estratégias de onde se originam e cuja configuração geral ou cristalização institucional se concretiza nos aparelhos do Estado, na elaboração das leis e nas hegemonias sociais (Foucault, 1988).

Para Foucault (1995, p. 235), existem três tipos de lutas: 1) contra as formas de dominação (étnica, social e religiosa); 2) contra as formas de exploração que separam os indivíduos daquilo que eles produzem; e 3) contra aquilo que liga o indivíduo a si mesmo e o submete, desse modo, aos outros (lutas contra a sujeição, contra as formas de subjetivação e de submissão).

Foucault não escreveu uma teoria do poder, se por teoria se entender uma exposição sistemática sobre o tema. Em vez disso, é possível encontrar uma série de análises, em grande parte históricas, sobre o funcionamento do poder. Entretanto, em sua obra, é possível obter uma reconstrução articulada dessas análises sobre poder, ou seja, uma “analítica do poder” (Castro, 2009). Sobre o poder, Foucault (2018, p. 88) afirma que:

O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. E “o” poder, no que tem de permanente, de repetição, de inerte, de auto reprodutor, é apenas efeito de conjunto, esboçado a partir de todas essas mobilidades, encadeamento que se apoia em cada uma delas e, em troca, procura fixa-las. Sem dúvida, devemos ser nominalista: o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada.

Embora as ideias e as análises de Foucault tenham interessado pesquisadores que tratam da educação, nenhum texto de Foucault é inteiramente dedicado a esse assunto. O tema da educação, uma questão sem dúvida importante no trabalho de Foucault, aparece sempre em relação aos outros, baseado em outros; em primeiro lugar em relação à disciplina (Castro, 2009). Na história do ocidente, foram inventados sistemas de dominação de extrema racionalidade. A disciplina predomina na escola, no exército e na fábrica, locais onde se observa um conjunto de objetivos, técnicas e métodos de dominação (Foucault, 1994).

No contexto das IES, observa-se um tipo de organização especialmente estruturada para o exercício do poder sobre os sujeitos, nomeadamente, o poder disciplinar. O poder disciplinar, nas IES, normaliza, analisa, desmonta, aparta indivíduos, estabelece lugares, tempos, movimentos, ações, operações; em suma, o poder disciplinar divide a escola em componentes que podem ser vistos e modificados por outros indivíduos e instituições (Ball, 2013).

O poder disciplinar visa a condicionar o corpo, transformando-o em útil e dócil por meio de práticas diárias de vigilância, normalização e subjetivação voltadas para alinhar o sujeito com objetivos instrumentais (Silva & Lourenço, 2018). Para Batista, Baccon e Gabriel (2015), a escola é uma instituição disciplinar, constituindo-se como um suporte para o exercício do poder disciplinar. Nela, aplicam-se os princípios da divisão de corpos, do controle das atividades, do esquadramento do espaço e do tempo e da capitalização do tempo dos indivíduos.

A dominação, por sua vez, é uma estrutura global de poder e uma situação estratégica, mais ou menos, adquirida ou consolidada. As relações de dominação são relações de poder que, em vez de serem móveis e permitirem aos parceiros uma estratégia que os modifica, são barradas e fixadas. As relações de poder, ao contrário dos estados de dominação, envolvem o exercício da liberdade, pois o poder não é um sistema de dominação que controla a tudo e não deixa espaço para a liberdade (Castro, 2009, p. 151). Nas palavras de Foucault (2006b, p. 285):

[...] acho que é preciso distinguir as relações de poder como jogos estratégicos entre liberdades - jogos estratégicos que fazem com que uns tentem determinar a conduta dos outros, ao que os outros tentam responder não deixando sua conduta ser determinada ou determinando em troca a conduta dos outros - e os estados de dominação, que são o que geralmente se chama de poder.

Um conceito importante da obra de Foucault é o de dispositivo. Conforme descreve Revel (2005, p. 24), “[...] o termo ‘dispositivos’ aparece em Foucault na década de 1970 e inicialmente se refere aos operadores materiais do poder, isto é, as técnicas, estratégias e formas de subjugação postas em prática pelo poder”. Chama-se a atenção, nesse texto, especialmente para os dispositivos de controle e vigilância.

Para Foucault (1995, p. 364), o dispositivo é “[...] um conjunto heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas”. Como observa Agamben (2009, p. 8), a palavra “dispositivo” é um termo central no pensamento de Foucault, que passa a utilizá-lo a partir dos anos de 1970, quando começa a se preocupar com a governabilidade. Embora Foucault não tenha apresentado uma definição formal para o termo dispositivo, continua Agamben (2009), ele chegou bem perto disso em uma entrevista concedida em julho de 1977, quando foi indagado sobre o sentido e a função metodológica do termo então por ele utilizado:

O que estou tentando destacar com este termo é, antes de tudo, um conjunto completamente heterogêneo que consiste em discursos, instituições, formas arquitetônicas, decisões regulatórias, leis, medidas administrativas, declarações científicas, proposições filosóficas, morais e filantrópicas – em suma, o dito tanto quanto o não dito. [...] a natureza de um dispositivo é essencialmente estratégica, o que significa que estamos falando de uma certa manipulação das relações de forças, de uma intervenção racional e concreta nas relações de forças, quer para desenvolvê-las numa determinada direção, quer para bloqueá-las, estabilizá-las e utilizá-las. [...] O dispositivo está assim sempre inscrito num jogo de poder [...] (Foucault, 2000, p. 244).

De forma ampla, Agamben (2009, p. 14) compreende dispositivo como “[...] qualquer coisa que possui de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar, ou assegurar os gestos, comportamentos, opiniões, ou discursos de seres vivos”. Segundo Castro (2009), pode-se delimitar a noção foucaultiana de dispositivo da seguinte forma:

- 1) O dispositivo é uma rede de relações que podem ser estabelecidas entre elementos heterogêneos: discursos, instituições, arquitetura, regulamentos, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, o que é dito e o que não é dito.
- 2) O dispositivo estabelece a natureza do nexos que pode existir entre esses elementos heterogêneos. O discurso pode aparecer como um programa de instituição, como um elemento que pode justificar ou ocultar uma prática ou funcionar como uma interpretação subsequente dessa prática, oferecendo um novo campo de racionalidade.
- 3) Trata-se de um treinamento que em determinado momento teve como função responder a uma emergência. O dispositivo, portanto, tem uma função estratégica.
- 4) Além de ser definido pela estrutura de elementos heterogêneos, um dispositivo é definido por sua gênese. Foucault distingue dois momentos essenciais a esse respeito: um primeiro momento da predominância do objetivo estratégico; um segundo momento da constituição do próprio dispositivo.
- 5) O dispositivo, uma vez constituído, permanece como tal na medida em que ocorre um processo de determinação funcional: cada efeito, positivo ou negativo, desejado ou indesejado, entra em ressonância ou em contradição com os outros e requer um reajuste. Por outro lado, também existe um processo de reabastecimento estratégico perpétuo.

Os mecanismos usados nas relações de poder podem ser entendidos em termos de estratégias. As estratégias constituem modos de ação sobre a possível, eventual e suposta ação dos outros; são todos os meios usados para operar ou manter um dispositivo de poder (Castro, 2009). Para Foucault, as estratégias são os padrões de poder sistêmicos ou globais mais amplos; em contrapartida, as táticas são as

racionalidades locais de poder em casos particulares (Lynch, 2014). De acordo com Castro (2009), Foucault distingue três sentidos do termo “estratégia”:

- 1) a estratégia designa a escolha dos meios utilizados para alcançar um fim, a racionalidade usada para alcançar os objetivos;
- 2) a estratégia designa a maneira pela qual, em um jogo, um jogador se move de acordo com o que ele pensa sobre como os outros irão agir e o que ele pensa sobre o que os outros jogadores pensam sobre como ele se moverá; e
- 3) a estratégia designa o conjunto de procedimentos para privar o inimigo de seus meios de combate, forçá-lo a renunciar à luta e, assim, obter a vitória.

As estratégias são constituídas pelos meios usados para operar ou manter um dispositivo de poder. Elas são os modos de ação sobre a possível, eventual e suposta ação dos outros (Foucault, 1994). Esses modos de ação podem ser vistos como as práticas cotidianas.

Um aspecto importante para a discussão sobre poder em Foucault é o conceito de sujeito. Para Foucault (1987), o sujeito obediente pode ser entendido como o indivíduo com hábitos, regras, ordens, uma autoridade que se exerce continuamente sobre ele e em torno dele, e a qual ele deve deixar funcionar automaticamente em si mesmo. Há dois significados para a palavra sujeito: a primeira se refere ao estar sujeito a alguém pelo controle e pela dependência; a segunda se refere a estar preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Os dois significados indicam uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a alguém (Foucault, 1995). Sendo assim, deve-se pensar o sujeito como historicamente constituído sobre a base de determinações que lhe são exteriores (Revel, 2005). Nas palavras de Aquino (2019, p. 450),

[...] o sujeito vivencia uma dicotomia em seu processo de subjetivação, o sujeito é aquele sujeitoado a uma imagem que se fazem dele, imagem dada, extrínseca, pré-formulada, como também sujeito à imagem que faz de si, à própria identidade, ao referencial que cria de si.

O sujeito não é um sujeito genérico, é um sujeito qualificado, construído nas e pelas instituições, como as universidades. Os modos de sujeição podem ser entendidos como a maneira pela qual o indivíduo estabelece sua relação com a regra e se reconhece como ligado a ela, pois pertence a um grupo social (Castro, 2009, p. 155). Não é possível estudar os sujeitos ou as formas pelas quais os seres humanos são sujeitos, sem estudar as relações de poder. O poder não está centralizado nem é estático, mas sim impregnado nas relações de forças as quais permeiam as estruturas sociais (Aquino, 2019, p. 450).

Observa-se na obra de Foucault uma discussão sobre a relação entre poder e resistência. Conforme aponta Medina (2007), a afirmação de Foucault de que “onde há

poder existe resistência” evidencia a natureza coextensiva e presente da resistência. Nas palavras de Foucault (1994, p. 407):

As relações de poder surgem necessariamente, exigem a cada momento, abrem a possibilidade de uma resistência; porque há possibilidade de resistência e resistência real, o poder daquele que domina tenta se manter muito mais forte, tanto maior a astuta quanto maior a resistência. Desta forma, o que tento fazer aparecer é uma luta mais perpétua e multiforme do que a dominação obscura e estável de um aparato de uniformização.

Se não houvesse resistência, não haveria poder (Foucault, 2006a). A resistência ao poder não pode vir de fora do poder, pois ela é contemporânea e integrada às estratégias de poder (Foucault, 2013). As possibilidades reais de resistência começam quando se para de perguntar se o poder é bom ou ruim, se é legítimo ou ilegítimo, e passa-se a interrogá-lo no nível de suas condições de existência. O que significa despir o poder de suas sobrecargas morais e legais (Castro, 2009).

Välikangas e Seeck (2011) destacam que Foucault em seus últimos trabalhos estava principalmente interessado na análise das formas de resistência que permitem ao sujeito resistir às formas de poder vigentes. Foucault mudou o seu foco do exame do poder para o exame da resistência e das técnicas específicas pelas quais é possível o indivíduo resistir ao poder (Välikangas & Seeck, 2011). Dallapicula (2023, p. 121) destaca que:

Cada sujeita e sujeito se produz nas relações de sujeição e agenciamento com o instituído. Assim, relações de poder e resistência vão se estabelecendo cotidianamente e algumas delas vão sendo naturalizadas, o que faz com que a irrupção de novos modos de resistência pareça surpreendente ou irracional, especialmente porque os desejos que os movem são corriqueiramente cerceados.

A seguir busca-se articular as ideias de Foucault e Certeau em relação ao poder e a resistência.

Articulação entre Certeau e Foucault sobre Poder e Resistência

Michel de Certeau e Michel Foucault são dois dos mais influentes pensadores do século XX quando se trata de questões relacionadas ao cotidiano, à poder e à resistência, embora suas abordagens apresentem algumas distinções, ambos veem o poder como algo presente em todos os aspectos da vida social, mas eles o fazem a partir de perspectivas diferentes.

Para Foucault, o poder não é simplesmente algo que um grupo ou uma classe detém e usa para controlar os outros. Em vez disso, o poder é uma rede complexa de relações que permeiam toda a sociedade. Ele propõe que o poder não é localizado em instituições específicas, como o governo ou o Estado, mas é exercido em micro relações

sociais, em instituições como escolas, prisões, hospitais e sobre o próprio corpo dos indivíduos. Em “Vigiar e Punir: nascimento da prisão” Foucault examina como o poder disciplinar molda corpos e comportamentos, por meio de técnicas de vigilância e normalização, transformando os indivíduos em sujeitos dóceis.

Foucault considera o poder como algo produtivo, ou seja, o poder não apenas reprime, mas produz conhecimento, comportamentos e identidades. Contudo, para Foucault, onde há poder, há resistência. A resistência não é externa ao poder, mas emerge de dentro da mesma rede de relações. Ela pode ser sutil, como a recusa de certas normas de conduta, ou explícita, como em revoltas e lutas sociais. Essa visão desafia concepções tradicionais de resistência como algo necessariamente subversivo ou revolucionário, situando-a dentro do campo das práticas cotidianas.

Por outro lado, Certeau enfoca as maneiras pelas quais os sujeitos comuns lidam com as imposições das estruturas de poder em suas vidas cotidianas. Em “A Invenção do Cotidiano: 1 – artes do fazer” (1990), Certeau introduz as noções de estratégias e táticas. As estratégias são as ferramentas de poder usadas pelas instituições para organizar e controlar o espaço e o comportamento social, enquanto as táticas são as maneiras criativas e oportunistas pelas quais os indivíduos lidam com essas imposições. Certeau sugere que, embora as instituições tentem impor um certo tipo de ordem, por meio de estratégias, os indivíduos são capazes de desenvolver táticas que subvertem ou adaptam essas normas.

Diferentemente de Foucault, que muitas vezes enfatiza o caráter opressivo e disciplinar do poder, Certeau vê na vida cotidiana um espaço para a resistência criativa. As táticas de resistência são temporárias e oportunistas, mas são formas de apropriação que revelam a capacidade dos indivíduos de fazer algo novo com o que está disponível diante das estruturas de poder.

Tanto Foucault quanto Certeau veem o poder como algo que está em constante fluxo e que se manifesta em todos os aspectos da vida, mas suas análises variam quanto ao foco. Enquanto Foucault está interessado nas grandes estruturas que moldam comportamentos e nas técnicas de controle social, Certeau está mais preocupado em como sujeitos comuns negociam e subvertem essas estruturas no cotidiano.

Concluída a discussão sobre poder e resistência, a seguir trata-se dos procedimentos metodológicos adotados neste estudo.

Procedimentos Metodológicos

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa, tanto na coleta como na análise dos dados, e a pesquisa foi de corte transversal (ou seccional).

Para a realização da pesquisa, foi escolhida a categoria social “professor do ensino superior”. Conforme destaca Fichter (1974, p. 83), em “[...] uma categoria social, as pessoas estão juntas não em uma realidade física externa, mas no julgamento do

observador que descobre nelas características comuns”. Um grupo social representa “[...] uma coletividade identificável, estruturada, contínua, de pessoas sociais que desempenham papéis recíprocos, segundo determinadas normas, interesses e valores sociais, para a consecução de objetivos comuns” (Fichter, 1974, p. 140). Dentro da categoria social escolhida, definiu-se como grupo social de interesse os professores da educação superior da área de Estudos Organizacionais. A escolha se deu por conveniência e acessibilidade aos sujeitos de pesquisa. O pesquisador é da área de Estudos Organizacionais e, há época da pesquisa, era membro da Sociedade Brasileira de Estudos Organizacionais (SBEO), o que permitiu acesso à lista dos associados e aos seus respectivos contatos.

Como uma das etapas para a consecução do objetivo proposto, foi realizada uma revisão da literatura, por meio de uma busca no SciELO Brasil (Scientific Electronic Library Online) utilizando os descritores “professor” (3.537), “professor universidade” (561) e “professor ensino superior” (292), “práticas de controle” (1.396), “práticas de resistência” (519) e “ensino superior práticas de controle práticas de resistência” (0). Também foi realizada uma busca no Spell (Scientific Periodicals Electronic Library) com os mesmos descritores: “professor” (342), “professor universidade” (0) e “professor ensino superior” (0), “práticas de controle” (23), “práticas de resistência” (1) e “ensino superior práticas de controle práticas de resistência” (0). Também foi realizada uma busca no Portal de Periódicos CAPES com os mesmos descritores: “professor” (558.879), “professor universidade” (25.458) e “professor ensino superior” (3.032), “práticas de controle” (5.661), “práticas de resistência” (2.981) e “ensino superior práticas de controle práticas de resistência” (2). Os critérios de inclusão dos artigos foram: (a) estudos publicados em português, inglês ou em espanhol; (b) artigos originais; (c) estudos disponíveis em formato completo; e (d) estudos que tratassem dos temas: poder, controle, resistência e professores. Os artigos duplicados foram excluídos, entretanto, nenhum dos artigos tratava de práticas de controle e de resistência de professores do ensino superior.

Os sujeitos de pesquisa foram professores do campo de EO, os quais, na época da coleta de dados, tinham concluído o doutorado há menos de setes anos, conforme apontavam informação obtida nos respectivos Lattes, e eram, preferencialmente, associados à SBEO. Observa-se que, do ponto de vista teórico, o campo dos EO, especialmente no contexto brasileiro, vem se constituindo como um espaço privilegiado para a problematização das relações de poder, controle e resistência no cotidiano das instituições. Ao focalizar docentes de EO, a pesquisa concentra-se em um grupo que já opera, teórica e empiricamente, com esse repertório conceitual. Isso potencializa a densidade analítica do material empírico, pois os entrevistados tendem a tematizar, com maior sofisticação, tanto as formas de controle quanto suas próprias respostas táticas e resistências no cotidiano universitário. Em termos de relevância, coerência e adequação científica, portanto, a escolha de docentes de EO mostra-se

consistente com: (a) o problema de pesquisa, “analisar práticas de controle e resistência no cotidiano de professores da educação superior”; (b) o referencial teórico, ancorado em Foucault, Certeau e na literatura de EO sobre cotidiano, poder e resistência; e (c) o delineamento metodológico qualitativo, que privilegia profundidade analítica e densidade interpretativa em um grupo social bem delimitado, em vez de abrangência estatística. Essa delimitação reforça a articulação entre campo empírico, arcabouço conceitual e procedimentos de análise, elevando a robustez teórica e metodológica do estudo e ampliando sua contribuição para compreender as dinâmicas de poder, controle e resistência que atravessam a docência universitária no interior das organizações de ensino superior.

Enquadraram-se no perfil do sujeito tipo de pesquisa 11 professores, do sexo masculino, de IES públicas e privadas, todos em regime de Dedicção Exclusiva. Os professores foram contatados por e-mail, no qual foi apresentado o objetivo da pesquisa e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e realizado o convite para participação no estudo. Foram enviados três reforços para aqueles que não responderam à primeira mensagem. No total foram entrevistados 10 professores. Um dos sujeitos não respondeu às tentativas de contato.

Para a coleta dos dados, foram realizadas entrevistas on-line em profundidade, por meio do Skype, com o uso de um roteiro semiestruturado, composto de 11 questões abertas. As entrevistas duraram entre 22 minutos e 1 hora 25 minutos. Todas as entrevistas foram gravadas (apenas áudio) com a autorização dos entrevistados. Para este artigo, foram analisadas especificamente as questões 5 e 6 do roteiro de entrevistas, que são: “A quais mecanismos de controle você é submetido(a) no seu cotidiano?”; e “Como você lida com esses mecanismos de controle?”. Os demais resultados da pesquisa serão apresentados em outros trabalhos.

Realizou-se a transcrição seletiva (Azevedo et al., 2017) das entrevistas, tomando-se como parâmetro os mecanismos de poder e de controle apresentados no referencial teórico deste estudo. Em uma pesquisa com o objetivo de analisar as práticas de controle e de resistência no cotidiano de professoras da educação superior do campo de Estudos Organizacionais (EO), Mendonça (2023) identificou cinco categorias de práticas de controle: 1) Práticas Legais-Normativas; 2) Práticas Objetivas; 3) Práticas Subjetivas; 4) Práticas Tecnológicas; e 5) Práticas Político-ideológicas. As categorias identificadas no estudo de Mendonça (2023) também foram adotadas nas análises dos dados desta pesquisa.

Para apresentação e análises dos resultados, os nomes das entrevistadas foram substituídos pelas letras PO, que corresponde a Professor, e pela numeração de 1 a 10.

A técnica de análise de dados adotada foi a de conteúdo categorial, com base em Bardin (2016), já que, segundo a autora, a análise de conteúdo categorial é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou

não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2016, p. 48).

Mozzato e Grzybovski (2011, p. 732) entendem que “[...] a importância da análise de conteúdo para os Estudos Organizacionais é cada vez maior e tem evoluído em virtude da preocupação com o rigor científico e a profundidade das pesquisas”. Para Sousa e Santos (2020), a análise de conteúdo tem como objetivo identificar o que foi dito em meio a uma investigação, construindo e apresentando concepções em torno de um objeto de estudo. Como foram apresentados os procedimentos metodológicos, a seguir serão realizadas as análises dos resultados.

Apresentação e Análise dos Resultados

As relações de poder são materializadas nos arranjos construídos no dia a dia. Os indivíduos inventam, no seu cotidiano, formas de escapar das estratégias de controle (Nascimento, Marra & Honorato, 2015).

A ordem e a estabilidade social são mantidas por meio das estratégias implementadas por aqueles que utilizam o poder para normalizar (definir normas), controlar, condicionar e definir os comportamentos de outros (Nascimento, Marra & Honorato, 2015)

As práticas de controle e de vigilância identificadas nas falas dos professores entrevistados foram compiladas em quatro categorias: 1) Práticas Legais-Normativas; 2) Práticas Objetivas; 3) Práticas Subjetivas; e 4) Práticas Político-ideológicas. Essas categorias e seus indicadores (em ordem alfabética) são apresentados na Tabela 1. Não foram identificados nas falas dos entrevistados indicadores da categoria “Práticas Tecnológicas”, apontada por Mendonça (2023). Nenhuma categoria *a posteriori* foi identificada. O que parece corroborar os achados do estudo de Mendonça (2023).

Categorias		Indicadores
Práticas de controle e de vigilância	1. Práticas Legais-Normativas	1. Normas burocráticas da IES; 2. Normas que definem as escalas para avaliar os professores; e 3. Normas gerais de controle.
	2. Práticas Objetivas	1. Controle do tempo; 2. Controle dos resultados; 3. Métricas para a publicação; 4. Pressão para internacionalização; 5. Pressão para publicar mais e melhor (institucional e dos pares); 6. Registro semestral de atividades docentes; 7. Relatórios de autoavaliação; 8. Relatórios de pesquisa; 9. Sistema de avaliação Capes;

Categorias	Indicadores
	10. Valorização do impacto da pesquisa e das publicações; e
	11. Vigilância dos estudantes.
3. Práticas Subjetivas	1. Autocobrança;
	2. Autocomparação com os pares;
	3. Cobrança por publicação;
	4. Legitimação pelos pares;
	5. Pressão de presença física na IES;
	6. Pressão para submeter projetos de pesquisa (IES e PPG);
	7. Pressão pelo alinhamento da pesquisa com as áreas do PPG; e
	8. Pressão sobre os temas pesquisados;
4. Práticas Político-ideológicas	1. Pressões políticas pelos pares da área de EO.

Tabela 1. Práticas estratégicas de controle e vigilância no cotidiano dos professores

Fonte: Dados da pesquisa

Os dispositivos são uma rede de relações heterogêneas que envolvem: discursos; instituições; organizações arquitetônicas; decisões regulamentares; leis; medidas administrativas; enunciados científicos; proposições filosóficas, morais, filantrópicas; e o que é dito e o que não é dito (Foucault, 1995; Agamben, 2009; Castro, 2009). Ou seja, qualquer coisa que possui de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar, ou assegurar os gestos, os comportamentos, as opiniões ou os discursos de indivíduos (Agamben, 2009). As práticas apresentadas na Tabela 1 correspondem aos dispositivos disciplinares de controle e de influência dos comportamentos dos professores apontados na literatura. Observa-se nas falas dos professores o exercício do poder sobre a forma de controle, vigilância, recompensas e correção, com o propósito de transformar os indivíduos em conformidade com as normas estabelecidas. O que corrobora as ideias de Neto, Antunes e Vieira (2015) e os achados de Mendonça (2023).

De acordo com os entrevistados, na área de Estudos Organizacionais no Brasil, há uma tentativa de controle no sentido de guiar a forma como os professores vêm o mundo, a epistemologia e a maneira de pesquisar, além da própria visão sobre o que é ser um pesquisador. Existe pressão de alguns sobre quais temas devem ser pesquisados, sendo assim, *“Tem gente que quer dizer o que pode e o que não pode”* (PO5). Há também uma pressão por parte de alguns para definir o que é a área de EO no Brasil.

Observa-se, com base nas entrevistas, diversas formas de controle sobre as atividades cotidianas dos professores. Existe o controle das IES sobre quantas aulas o professor ministrou, quantos estudantes ele orientou, o controle do tempo (horários de trabalho), o controle sobre resultados em relação às pesquisas, à educação e aos

serviços (avaliação de artigos para periódicos, editoração de periódicos, participação em sociedades científicas, cargos de gestão, assessorias, coordenações, etc.) e o controle em relação à presença física na IES. Para provar, destaca-se os excertos das falas dos entrevistados: *“Eu me sinto teleguiado pela pressão do que se espera de mim”* (PO2); *“O professor tem de ser visto trabalhando”* (PO3). Sobre as avaliações dos PPGs pela Capes, PO5 alega que *“você corre contra o tempo do quadriênio”*.

Existe uma pressão institucionalizada por parte das políticas públicas (Capes e CNPq), das IES, dos PPGs e dos pares para se publicar mais e em revistas mais bem avaliadas no Qualis Capes. Ainda relacionada às publicações, destaca-se a seguinte fala:

A régua é muito elevada. [...] A régua é bem alta, mas, dentro dessa régua, eu tenho uma autonomia grande. A régua é estabelecida por outras pessoas. Eu tenho que usar uma régua que não é a minha. A autonomia do prisioneiro (PO10).

O excerto da fala de PO10 apresenta uma contradição no que se refere ao conceito de autonomia. Entende-se autonomia como capacidade de se governar pelos próprios meios; capacidade que o indivíduo possui para decidir sobre aquilo que ele julga ser o melhor para si. Ao que parece, na fala de PO10, o conceito de autonomia foi ressignificado, passando a ser entendido como uma autonomia controlada, ou seja, “[...] aquela autonomia para obedecer, no contexto de uma ‘ideologia utilitária’ que marca os modelos e concepções gerencialistas” (Lima & Silva, 2021). O conceito de autonomia controlada também pode ser percebido na fala de PO3: *“se tem autonomia em relação ao que se está pesquisando, desde que ela esteja alinhada com as linhas de pesquisa do PPG”*.

As estratégias são todos os meios usados para operar ou manter um dispositivo de poder e constituem modos de ação sobre a possível, eventual e suposta ação dos outros. Elas compreendem um conjunto de procedimentos para privar o outro de seus meios de combate, forçá-lo a renunciar à luta e, assim, se obter a vitória (Castro, 2009). Entre os tipos de luta apontados por Foucault (1995), observa-se nas falas dos professores as lutas contra a sujeição, contra as formas de subjetivação e de submissão. Nesse sentido, salienta-se os seguintes excertos das falas dos entrevistados: *“eu tenho que me automonitorar para não deixar de publicar artigos”* (PO2); *“A IES divulga quais os professores mais bem avaliados pelos alunos. O que gera uma autocobrança para ficar acima da média. [...] Ninguém é demitido porque ficou com uma avaliação ruim. [...] mas é chamado para conversar”* (PO10); e *“Às vezes me pego pensando ‘não estou fazendo nada’. Tenho que ler pelo menos um livro [...] Você se vê preso em um sistema de workaholic”* (PO5). Nesse contexto, chama a atenção a fala de PO9, que, apesar de salientar a pressão para publicação no PPG, afirmou categoricamente *“Não me sinto controlado”*.

Além das cobranças dos pares sobre as práticas de pesquisa e temas pesquisados. Há incentivos das IES para se pesquisar o que dê maior visibilidade.

“Ninguém chega para dizer o que se deve pesquisar”, mas, nas entrelinhas, fica claro que são valorizadas as pesquisas sobre temas *“quentes”*, que possam atrair a atenção da mídia (PO10).

Com base nos resultados apresentados, acredita-se que as IES, nas quais trabalham os professores entrevistados, possuem uma estrutura para exercer o poder disciplinar sobre os sujeitos. Esse poder normaliza, analisa, desmonta, aparta, estabelece lugares, tempos, movimentos, ações, operações; capitaliza o tempo, exerce controle das atividades, esquadrinha o espaço e o tempo e divide a IES em componentes que podem ser vistos e modificados (Ball, 2013; Batista, Baccon & Gabriel, 2015).

As práticas de resistência não demonstraram a mesma profusão nas falas dos entrevistados como as práticas de controle e de vigilância; o que também ocorreu no estudo de Mendonça (2023). As práticas de resistência identificadas foram: buscar válvulas de escape, encontrar microespaços, entregar os resultados demandados e chamar pouca atenção. Os excertos, a seguir, corroboram os achados: *“Depende de cada um tem de ter suas válvulas de escape”* (PO2); *“Cabe a cada um tentar encontrar os seus espaços, micro espaços”* (PO2); *“Passar abaixo do radar. Não ficar chamando a atenção para mim”* (PO10); *“Tento entregar os resultados esperados pela instituição. Não vejo muita escapatória. Não há como se furtar. Quando o controle está no resultado final, é muito difícil se esquivar dele”* (PO10). Chama a atenção é a fala de PO10 sobre entregar as demandas e não ver escapatória.

A seguir são apresentadas as conclusões deste estudo.

Conclusões

O objetivo deste estudo foi analisar as práticas de poder e de resistência no cotidiano de professores da educação superior do campo de Estudos Organizacionais. Acredita-se que esse objetivo tenha sido atingido.

As estratégias são formas de poder que são institucionalizadas e dominantes, enquanto as táticas são ações improvisadas e adaptativas que os indivíduos usam para resistir ou negociar com essas estratégias. No contexto dos professores da educação superior, as estratégias podem ser as regras e as políticas institucionais, enquanto as táticas seriam as formas individuais ou coletivas de resistência e de adaptação. Certeau analisa as práticas cotidianas como forma de resistência. Para os professores da educação superior, isso pode incluir a adaptação de práticas pedagógicas para atender às necessidades dos alunos, o desenvolvimento de novas abordagens de ensino que desafiem normas institucionais ou a criação de espaços de diálogo e de apoio que contrabalançam as exigências e os controles institucionais.

Para Foucault, o poder está presente em todos os aspectos da vida cotidiana e se exerce por meio de práticas e de instituições. No contexto acadêmico, isso se reflete

em como os professores são geridos e avaliados. As práticas de controle podem incluir normas curriculares e avaliações de desempenho, além disso, regulam o trabalho e as políticas administrativas que moldam o trabalho dos professores.

Este estudo contribui para a área de Estudos organizacionais, pois ajuda a compreender as relações de poder e controle, as quais, no contexto da educação superior, podem ser vistas nas formas sutis e explícitas de controle, como regras institucionais, avaliações, normas curriculares, hierarquias acadêmicas, entre outros. Além disso, este estudo contribui para o entendimento das práticas de resistência no cotidiano da educação superior, ao focar nas formas como indivíduos resistem e subvertem as estruturas de poder por meio de suas práticas cotidianas. Nesse contexto, enfatiza-se as micro resistências, ou seja, as pequenas ações que podem parecer insignificantes, mas que, cumulativamente, desafiam ou escapam ao controle institucional. O estudo das práticas de controle e resistência também pode contribuir para as pesquisas na área de EO ao abordar como os professores se constituem como sujeitos (processos de subjetivação) dentro das dinâmicas de poder nas IES.

A conjugação das teorias de Foucault e Certeau para analisar as práticas de controle e resistência no cotidiano dos professores da educação superior oferece uma visão multifacetada das dinâmicas de poder no ambiente educacional. Esse tipo de estudo pode revelar tanto os mecanismos de controle que moldam a prática docente quanto as formas criativas e subversivas que os professores adotam para resistir a essas imposições, contribuindo para uma discussão crítica sobre a autonomia e subjetividade na educação superior.

Para futuros estudos, sugere-se pesquisar sobre: 1) as estratégias de biopoder (que se refere ao controle sobre a vida dos indivíduos e grupos) e a governamentalidade (forma como os estados e instituições governam e regulam a vida social) no ambiente acadêmico da educação superior; 2) as práticas de avaliação, monitoramento e de regulamentação na educação superior, interpretadas à luz da ideia do panóptico em Foucault; 3) como a produção de conhecimento na educação superior é moldada por estruturas de poder, à luz de Foucault (poder e saber) e de Certeau (práticas e estratégias); e 4) como as narrativas de identidade profissional acadêmica são construídas e negociadas por professores da educação superior, usando as ideias de Certeau sobre a produção de sentido e as ideias de Foucault sobre a formação de subjetividades.

Agradecimentos

O presente trabalho é fruto de um pós-doutorado realizado no Programa de Pós-graduação em Administração (PPA) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), realizado com apoio, na forma de Bolsa PNPD, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) Brasil.

Referências

- Agamben, G. (2009). *What is an apparatus?* California: Stanford University Press.
- Alcadipani, R. (2005). *Michel Foucault: poder e análise das organizações*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Aquino, M. G. de. (2019, Jul-Set.). Noções de sujeito e poder em leituras foucaultianas e sua influência nos estudos de organizações e gestão de pessoas. *Cadernos EBAPE.BR.*, 17(3), pp. 448-459.
- Azevedo, V., Carvalho, M., Fernandes-Costa, F., Mesquita, S., Soares, J., Teixeira, F., & Maia, Â. M. (2017). Transcrever entrevistas: questões conceituais, orientações práticas e desafio. *Revista de Enfermagem Referência*, 4(14), pp. 159-168.
- Ball, S. J. (2013). *Foucault, power, and education*. Routledge: New York.
- Bardin, Laurence. (2016). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Batista, F., Baccon, A. L. P., & Gabriel, F. A. (2015). Pensar a escola a partir de Foucault: uma instituição disciplinar em crise? *Inter-Ação*, 40(1), pp. 1-17.
- Cabana, R. D. P. L., & Ichikawa, E. Y. (2017, Abr.-Jun.). As identidades fragmentadas no cotidiano da Feira do Produtor de Maringá. *O&S*, 24(81), pp. 285-304.
- Castro, E. (2009). *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos temas, conceitos e autores*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Certeau, M. (1990). *L'Invention du quotidien: Les arts de faire*. Paris: Gallimard.
- Certeau, M. de, Giard, L., & Mayol, P. (1996). *A Invenção do Cotidiano: 2 – morar, cozinhar*. Petrópolis: Saraiva.
- Certeau, M. de. (1994). *A Invenção do Cotidiano: 1 – artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.
- Dallapicula, C. (2023). *Violência de gênero na docência: Moral, hierarquia e poder na universidade pública*. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais.
- Fichter, J. H. (1974). *Sociologia*. São Paulo: Pedagógica Universitária.
- Foucault, M. (2013). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Lisboa: Edições 70.
- Foucault, M. (2018). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. (7ª ed.). Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes.
- Foucault, M. (1988). *História de sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Foucault, Michel. (1994). *Dits et écrits – Tome III*. Paris: Gallimard.
- Foucault, M. O sujeito e o poder. (1995). In: Dreyfus, H. L., & Rabinow, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. (pp. 1-299). Rio de Janeiro: Forense Universitária.

- Foucault, M. Sobre a História da sexualidade. (2000). In: *Foucault, M. Microfísica do poder*. (pp. 243-270). Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (2006a). *Ditos e escritos IV – Michel Foucault: estratégia, saber-poder*. (2ª ed.) Rio de Janeiro: Forense.
- Foucault, M. (2006b). A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: Motta, M. B. *Ditos e escritos V – Foucault: ética, sexualidade, política*. (pp. 264-287). Rio de Janeiro: Forense.
- Giard, L. História de uma pesquisa. (1998). In: Certeau, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1 – artes de fazer*. (13. ed.) (pp. 1-351). Petrópolis: Vozes.
- Gouvêa, J. B., & Ichikawa, E. Y. (2014). Cotidiano Cooperativo: um Estudo em uma Feira de Pequenos Produtores do Oeste do Paraná. In: *XXXVIII Encontro da ANPAD – ENAPAD*. Rio de Janeiro, RJ, setembro de 2014.
- Gouvêa, J. B., & Ichikawa, E. Y. (2015, Jan.-Jun.). Alienação e resistência: um estudo sobre o cotidiano cooperativo em uma feira de pequenos produtores do oeste do Paraná. *Revista Gestão & Conexões*, 4(1).
- Lima, C. L. de S., & Silva, M. S. P. da. (2021). Avaliação externa e gestão da educação infantil no município de Teresina, Piauí. *Estudos em Avaliação Educacional*, (32), pp. 1-19.
- Lynch, R. A. (2014). *Foucault's critical ethics*. New York: Fordham University Press.
- Mayol, P. O bairro. (2003). In: Certeau, M., Giard, L., & Mayol, P. *A Invenção do Cotidiano: 2 – morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes.
- Medina, P. A. (2007, Nov.). Notas sobre la noción de resistencia en Michel de Certeau. *KAIROS – Revista de Temas Sociales*, 11(20), pp. 1-11.
- Mendonça, J. R. C. de. (2023). Poder-resistência e estratégia-tática – aproximações e distanciamentos teóricos entre Foucault e Certeau. In: *XLVI Encontro da ANPAD – ENANPAD*. setembro de 2023, p. 21-23.
- Mozzato, A. R., & Grzybovski, D. (2011). Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios. *RAC – Revista de Administração Contemporânea*, 15(4), pp. 731-747.
- Nascimento, A. L. S., & Marra, A. V., & Honorato, B. E. F. (2015). Artes do Fazer e Cotidiano na Escola: entre o controle e a resistência. In: *V Encontro de Gestão de Pessoas E Relações de Trabalho*, Salvador, BA, setembro de 2015.
- Neto, O. R. M., Antunes, M. T. P., & Vieira, A. M. (2015). Controle do trabalho docente: provocações foucaultianas para análise da gestão universitária. *Avaliação*, Campinas, Sorocaba, 20(3), pp. 665-683.
- Oliveira, J. S., & Cavedon, N. R. (2013). Micropolíticas das práticas cotidianas: etnografando uma organização circense. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, 53(2), pp. 156-168.

- Rates, H. F., Cavalcante, R. B., Dos Santos, R. C., & Alves, M. (2019). Everyday life in nursing work under the Michel de Certeau's perspective. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 72(1), pp. 341-345.
- Revel, J. (2005). *Michel Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz.
- Rodrigues, F. da S., & Ichikawa, E. Y. (2015, Jan.-Abr.). O cotidiano de um catador de material reciclável: a cidade sob o olhar do homem ordinário. *Revista de Gestão Social e Ambiental*, 9(1), pp. 97-112.
- Schatzki, T. R. (2005). Peripheral vision: The sites of organizations. *Organization Studies*, 26(3), pp. 465-484.
- Silva, A. M. T. da, & Lourenço, M. L. (2018, Jan.-Abr.). O poder disciplinar enquanto uma dimensão da cultura organizacional: um estudo multicase em instituições de ensino superior privadas. *Administração: Ensino e Pesquisa*, 19(1), pp. 99-134.
- Sousa, J. R. de, & Santos, S. C. M. dos. (2020). Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. *Pesquisa e Debate em Educação*, 10(2), pp. 1.396-1.416.
- Stecanela, N. (2009, Jan.- Maio). O cotidiano como fonte de pesquisa nas ciências sociais. *Conjectura*, 14(1), pp. 63-75.
- Välikangas, A., & Seeck, H. (2011). Exploring the Foucauldian interpretation of power and subject in organizations. *Journal of Management and Organization*, 17(6), pp. 812-827.
- Vasconcelos, L. M., & Souto, E. (2014). Notas para um debate entre Michel Foucault e Michel de Certeau. In: *I Encontro Internacional de Estudos Foucaultianos: Governamentalidade e Segurança*. João Pessoa, PB, 2014.

José Ricardo Costa de Mendonça (jose.mendonca@ufpe.br) trabalhou na produção integral e no planejamento desta pesquisa e na revisão da escrita do artigo.

*Autor-correspondente.

Data de Submissão: 01/12/2024 Data de Aprovação: 06/01/2025.

Editor-Chefe: Diogo Henrique Helal.

Editor Adjunto: Bruno Melo Moura.

Direitos autorais das pessoas autoras, 2026. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do material em qualquer meio ou formato, apenas para fins não comerciais, desde que seja dada a devida atribuição ao criador. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>